

# O LUGAR DA ESCRITA PSICANALÍTICA NO ENQUADRE INTERNO DO ANALISTA: UMA TOPOGRAFIA ÉTICA

THE ROLE OF PSYCHOANALYTIC WRITING IN THE PSYCHOANALYST'S INTERNAL SETTING: AN ETHICAL TOPOGRAPHY

EL LUGAR DE LA ESCRITURA PSICOANALÍTICA EN EL ENCUADRE INTERNO DEL PSICOANALISTA: UNA TOPOGRAFÍA ÉTICA

Felipe Szyszka Karasek<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste ensaio é articular a relação entre escrita e psicanálise, compreendendo sua dimensão ética e criativa no enquadre interno do analista. A escrita psicanalítica é analisada como um processo de inscrição que transcende o armazenamento de informações, permitindo uma vivência analítica e a criação de novos sentidos, os quais destacam a linguagem como elemento central dos processos inconscientes. O texto propõe (i) a escrita como prática criativa e ético-reflexiva, integrando a análise pessoal do analista com a alteridade do paciente; (ii) a importância da sensibilização como abertura a novas possibilidades, rejeitando a fixação em métodos rígidos e privilegiando o movimento e a diferença; e (iii) a apresentação da escrita psicanalítica como um ato ético que engendra sentido no campo analítico e cultural.

**Palavras-chave:** Escrita psicanalítica. Enquadre interno do analista. Ética. Psicanálise.

*Abstract: The aim of this essay is to examine the relationship between writing and psychoanalysis, focusing on its ethical and creative dimensions within the psychoanalyst's internal world. Psychoanalytic writing is approached as a process of inscription that goes beyond the mere recording of information, facilitating an analytic experience and the creation of new meanings, which highlight language as central to unconscious processes. This text proposes: (i) writing as a creative and ethically reflective practice that integrates the psychoanalyst's personal analysis with the patient's alterity; (ii) the importance of sensitization as an openness to new possibilities, rejecting rigid methodologies and prioritizing movement and difference; and (iii) the conceptualization of psychoanalytic writing as an ethical act that generates meaning within both the analytic and cultural spheres.*

**Keywords:** Psychoanalytic writing. Psychoanalyst's internal setting. Ethics. Psychoanalysis.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica de Porto Alegre/RS. Realizou estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com pesquisas na temática "Filosofia, Psicanálise e Processos de Subjetivação", com supervisão do Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza. Realizou doutorado em Filosofia pela PUCRS, com orientação do Prof. Dr. Nythamar de Oliveira; mestrado em Filosofia pela PUCRS, com orientação do Prof. Dr. Nythamar de Oliveira; especialização em Filosofia e Ensino de Filosofia pela PUCRS, com orientação do Prof. Dr. Ronel Alberti da Rosa; licenciatura em Filosofia pela PUCRS, com orientação do Prof. Dr. Ronel Alberti da Rosa. É proponente do Grupo de Estudos "Outros Humanismos: Articulações entre Modos de Existência e Ensaios para Futuros Possíveis", em conjunto com o Prof. Dr. Rafael Werner Lopes. Realizou formação na Oficina de Escrita Criativa do Prof. Dr. Luiz Antônio de Assis Brasil na PUCRS. Participou do Grupo de Pesquisa "Tecnologias do Imaginário: Práticas e Culturas da Comunicação", do Prof. Dr. Juremir Machado na PUCRS. Participou do Grupo de Estudos "Literatura Brasileira Contemporânea", do Prof. Dr. Ricardo Barberena na PUCRS. Publicou os livros: *Declínio âmbar e outras ficções* (2022), *Nos abismos: sobre a interpretação da natureza em Nietzsche* (2022), *A solidão do estilo: escrituras, biografemas; fragmentos, notas* (2021), *Uma filosofia da dor: a sabedoria trágica no jovem Nietzsche* (2013) e *Pelo que vale a pena morrer* (2013), pela Editora Bestiário (Porto Alegre/RS).  
ORCID: 0000-0002-7669-637X. E-mail: felipe.s.karasek@gmail.com

*Resumen: El objetivo de este ensayo es explorar la relación entre escritura y psicoanálisis, comprendiendo su dimensión ética y creativa en el encuadre interno del analista. La escritura psicoanalítica se analiza como un proceso de inscripción que trasciende el almacenamiento de información, permitiendo una vivencia analítica y la creación de nuevos sentidos, los cuales destacan el lenguaje como elemento central en los procesos inconscientes. El texto propone: (i) la escritura como una práctica creativa y ético-reflexiva, integrando el psicoanálisis personal del psicoanalista con la alteridad del analisante; (ii) la importancia de la sensibilización como apertura a nuevas posibilidades, rechazando la fijación en métodos rígidos y privilegiando el movimiento y la diferencia; y (iii) la presentación de la escritura psicoanalítica como un acto ético que engendra sentido en el campo analítico y cultural.*

*Palabras clave: Escritura psicoanalítica. Encuadre interno del psicoanalista. Ética. Psicoanálisis.*

[...] e que não fique o chão nem fique a sombra  
mas que a precisão urgente de ser eterno boie como uma esponja no caos  
e entre oceanos de nada  
gere um ritmo.

(Carlos Drummond de Andrade)  
Trecho de "Eterno" (Andrade, 2015).

## PRELÚDIO — DUAS INTUIÇÕES

Este texto<sup>2</sup> se engendrou a partir de duas intuições, as quais orbitam em torno de uma temática principal, a *escrita psicanalítica*, ao mesmo tempo em que solicitam outros desenvolvimentos particulares. Assim, não pretendo esgotar as possibilidades dessas intuições, mas seguir por alguns caminhos que as conectam.

Nesse sentido, delimito duas trajetórias principais, a saber:

(i) Uma hipótese — *assim como a noção de inconsciente, a escrita psicanalítica cria e define a psicanálise, além de ser algo compartilhado por todas as escolas psicanalíticas, pensando com Ignacio Gerber:*

Parece evidente, quase óbvio, que a postulação por Freud de um Inconsciente cria e define a Psicanálise e se torna seu conceito fundamental. O Inconsciente é o *common ground*, a base comum compartilhada por todas as escolas pós-freudianas. Claro que há diferentes visões no detalhamento dessa noção de um Inconsciente estranho que escapa ao nosso controle consciente, porém a certeza de sua existência inefável e essencial percorre todas as tendências citadas e mais (Gerber, 2023, p. 19-20).

(ii) Uma tese — *a escrita psicanalítica ocupa um lugar fundamental no encuadre interno do analista*<sup>3</sup>, pensando, com Fernando Urribarri, em duas citações fundamentais:

<sup>2</sup> "Um texto não é uma superfície plana, mas, antes, é composto por camadas ou placas que se chocam e que deslizam umas sobre as outras, amarradas por fios nem sempre visíveis, nem sempre ancorados em terra firme. Tampouco um texto é uma matéria opaca, impenetrável, que nada absorve do exterior ou que extingue tudo que lhe é estranho" (Iannini, 2021, p. 39).

<sup>3</sup> Em sua relação com a escrita psicanalítica, "o encuadre interno do analista, aval da terceiridade, quando o campo analítico tende em direção a uma dinâmica dual, bidimensional. O trabalho psíquico do analista, eixo conceitual terciário que inclui a atenção flutuante (perspectiva intrapsíquica, análise de conteúdo) e a contratransferência (perspectiva intersubjetiva, análise da relação e do continente), subordinando-as a uma gama mais ampla e complexa de operações, na qual se destaca a imaginação (a criatividade) psicanalítica" (Urribarri, 2010, p. 22).

Parece-me importante salientar que a perspectiva “contemporânea” introduz e considera crucial o conceito de enquadre (retomando Winnicott e Bleger), o qual em seguida articula com os de transferência e contratransferência como parte de um esquema terciário do processo analítico. O enquadre é um conceito duplo, ao mesmo tempo epistemológico e técnico: é definido como condição de possibilidade para a constituição do objeto analítico, do seu recorte teórico e da sua transformação prática. Green assinala que, apesar do aparente estabelecimento empírico e artesanal do enquadre por Freud, o certo é que “o sonho é o modelo (metapsicológico) implícito do enquadre (Green, 1974)”. Com base nessa elucidação, centrada no estudo da produção representativa no enquadre, nosso autor pode definir e abordar o que denomina como estados nos limites da analisabilidade (Urribarri, 2010, p. 4).

Na ideia do enquadre interno, há algo da ordem do intrapsíquico e algo que permite a integração do intersubjetivo. Retomando o que destacamos a propósito da estrutura enquadrante, poderíamos pensar que o enquadre interno é uma interface interno-externo. Os processos terciários, incluídos na escuta analítica, são provavelmente aqueles que exercem um papel decisivo no enquadre interno. O fundamento desse enquadre não pode ser outro além da estrutura enquadrante do próprio analista, que, por meio da sua análise pessoal, torna-se fonte de uma nova flexibilidade, suporte do enquadre interno. Se definimos a estrutura enquadrante como o que permite constituir a singularidade (ou seja, a separação em relação ao outro, a flexibilidade e a autorreferência), podemos pensar que o enquadre interno constitui, por meio da análise pessoal do analista, uma matriz ativa para a singularidade do outro, para sua alteridade radical (Urribarri, 2010, p. 31).

Em um passo atrás das condições de possibilidade para o processo dessa escrita<sup>4</sup>, retomo a noção de engendramento em Nietzsche, a qual considero fundamental para pensar o processo de criação de um ensaio:

Na *Gaia Ciência*, Nietzsche questiona: “Para que em geral consciência, se ela é no geral *supérflua*?” (FW/GC §354). Nessa passagem, ele está se referindo à principal dificuldade quando se assume um modelo processual: o modelo é caracterizado por transições dinâmicas, não é possível determinar estados iniciais e nem estados finais. As definições também precisam ser diferentes (da metafísica tradicional, do conceito) —, ocorrem apenas com caráter de engendramento, tratam do acontecer daquilo que ocorre, do vir-a-ser do próprio processo. Com essas interpretações, a natureza se torna uma totalidade de processos, sequências de acontecimentos. A partir da aceitação do modelo do processo, o principal problema se torna saber se nos processos é necessário um sujeito do processo ou se existem processos sem sujeito. Partindo dessa perspectiva: “Não se deve perguntar: ‘Então quem *interpreta*?’”, mas o próprio interpretar mesmo, como uma forma da vontade de poder, tem existência (no entanto, não como um ‘ser’, mas como um processo, um devir) como um afeto” (NF/FP 2[151] 1885-1886). Como analisamos no modelo do *continuum*, na consciência está representada somente uma parte limitada da realidade e, nesse sentido, o Eu (*Ich*) como sujeito da consciência com intencionalidade e autoconsciência, surge na consciência ao mesmo tempo em que surge a própria consciência. Além disso, o modelo do *continuum* sustenta a possibilidade de processos sem sujeito (NF/FP 2[151] 1885-1886). Na perspectiva nietzschiana, o Eu (*Ich*, sujeito) que surge na consciência depende de uma infinidade de processos sem sujeito, e a consciência também é resultado de uma série de processos não conscientes. Isso evidencia que o caráter de interpretação do pro-

<sup>4</sup> Parafraseando Immanuel Kant em sua obra: KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2001. [1781]. *Crítica da razão pura* (1781).

cesso não pertence ao processo mesmo (JGB/BM §17). O modelo do processo, relacionado com o modelo do *continuum*, além de possibilitar a noção de objetos-processos, elimina a possibilidade de uma contaminação categorial do processo com indivíduos-coisa ao sugerir um modelo fundamentado em indivíduos-processo, afastando, em mais um nível, uma teoria dualista. Ocorre, com o modelo do processo, uma passagem da noção de organismo para a noção de organização. O orgânico é uma estrutura de organização; da organização resulta a consciência e todos os processos relacionados à consciência e que emergem dessas relações. Nessa afirmação, podemos perceber uma síntese do entendimento nietzschiano de vida. Se ainda havia uma possibilidade de sugerir a relação entre universal e particular, ela é substituída pela relação parte e todo. A organização processual é um acontecimento fundamental de tudo que se engendra e é vivo, “uma forma duradoura do processo de afirmação da força, onde os lutadores crescem de modo desigual entre si” (NF/FP 36[22] 1884). Nesses processos, nada pode ser representado como atômico, pelo contrário, o caráter dos acontecimentos é a consecução efetivo-relacional do acontecer entre as partes e o todo, sem teleologia; se existe uma aparente conformidade causal é, como afirma Nietzsche, “somente uma expressão de uma ordem de esferas de poder e de sua combinação” (NF/FP 9[91] 1886-1887). Mas como ocorre o engendramento da consciência? Para Nietzsche, a consciência se engendra em representações, e estas, em signos. Pensar é um processo em signos linguísticos, “pensamos somente em forma de linguagem” (NF/FP 5[22] 1886-1887); o pensar consciente é interpretativo e dependente das funções gramaticais da linguagem. A relação entre consciência e linguagem não ocorre somente no pensar consciente, essa relação já existe no surgimento e desenvolvimento da consciência. Além disso, a linguagem tem um caráter público, a utilização da linguagem forma elementos fundamentados na sociedade, na realidade histórica e cultural. Essa conexão pública da linguagem representa algo muito importante para Nietzsche: a consciência e suas relações são problematizadas nos limites do desenvolvimento do orgânico com os processos culturais. A consciência atinge o pensamento consciente e a autoconsciência porque tem uma necessidade de comunicação com outros seres humanos, e, além disso, a consciência demonstra sua força e sua sutileza a partir da sua capacidade de se comunicar (FW/GC §354). Consciência e linguagem se desenvolvem juntas. A partir do momento em que o Eu (*Ich*) consciente está em condições de diferenciar entre coisas diferentes se constitui um sistema de conceitos; a partir da capacidade da consciência de delimitar coisas ocorre a possibilidade de o Eu (*Ich*) consciente afirmar que algo é. Essa função conceitual que conecta os seres humanos não ocorre somente a partir da linguagem, mas também a partir de signos não linguísticos, como o olhar, a expressão e os gestos; Nietzsche afirma que os seres humanos desenvolvem “signos de comunicação”, o ser humano é capaz de inventar signos, e esses processos estão vinculados com a sociabilidade (FW/GC §354). Quanto mais o ser humano desenvolve e cria signos de comunicação, mais ele se torna consciente de si mesmo. “Tudo aquilo que ingressa na consciência é antes completamente acomodado, simplificado, esquematizado, interpretado” (NF/FP 11[113] 1887-1888). As experiências internas se tornam conscientes após elas encontrarem uma linguagem que o sujeito compreende. Esses processos possuem problemas de tradução definidos por indeterminações, transfigurações e reduções na relação do mundo interior com ele mesmo; essa relação do mundo interior com ele mesmo não está separada do mundo cultural e do relacionamento com outros seres humanos, com os quais divide uma semântica e uma pragmática de um modo de viver (NF/FP 15[90] 1888). Não existe a possibilidade de conhecer um mundo diferente do mundo fenomenal, um mundo puro no qual não exista interpretação, ou um mundo que seja existente por si (NF/FP 9[106] 1887). Para Nietzsche, não existe a possibilidade de

uma experiência interna pura, o que significa afirmar que na perspectiva nietzschiana não tem nenhum sentido afirmar: transparência completa da consciência; a manutenção da idealidade do dado; a experiência humana como independente da linguagem e da interpretação; o fenomenalismo como restrito ao mundo exterior; existência de pontos de observação fixos; acesso imediato da consciência a seus próprios estados de experiência interna de si. Essa tal consciência, se existisse, deveria estar em condições de “poder ler um texto como texto, sem acrescentar uma interpretação” (NF/FP 15[90] 1888). A consciência não consegue representar nem suspender o complexo de seus próprios condicionamentos, a partir dos quais e sobre os quais ela é consciência. Os seus fundamentos não ocorrem na consciência e nenhum objeto que lá entra permite o reconhecimento de que esse objeto é dependente de um feixe não consciente de condições. No entanto, o Eu (*Ich*) da consciência consegue retroagir e refletir sobre si próprio, em retroação sobre a complexidade de suas condições. Para Nietzsche, essa capacidade é o perigo que a autoconsciência representa para si mesma. Por causa disso ela pode encerrar-se nela mesma, acreditando em uma autocausalidade, convencendo-se que o pensamento humano é o fim último de todas as coisas (para Nietzsche, esse é o modelo e o engano do modelo de autoconsciência de Descartes) (*Za/ZA I, Dos desprezadores do corpo*). Na perspectiva nietzschiana, a maioria daquilo que o Eu (*Ich*) da consciência inclui na produção de suas sínteses foi produzida em outro lugar, principalmente na corporeidade pré-cognitiva (transição da “pequena razão” cartesiana para a “grande razão” situada no corpo humano). [...] A psicologia, assim, é o “caminho que conduz aos problemas fundamentais”, após a crítica radical de Nietzsche à metafísica platônico-cristã-cartesiana. Na metafísica ocidental, o psíquico está conectado à unidade da consciência. No entanto, Nietzsche pretende erigir uma ciência da psique que afirme o psíquico não apenas conectado ao consciente, mas que diferencie o consciente do inconsciente e, dessa forma, compreenda ambos conectados com o psíquico. Além disso, a psicologia até então estava dependente de preconceitos e temores morais, e não “desceu até a profundidade”. Nietzsche oferece a proposta de uma racionalidade ampliada, na qual a psicologia é o caminho para os problemas fundamentais porque o paradigma é fornecido pelo corpo (a grande razão) e pelos impulsos (Karasek, 2022, p. 135-165).

A partir desse ponto, em busca das condições de possibilidade do processo de escrita, busquei por algumas *vias* de realização, as quais apresento a seguir.

#### PRIMEIRA VIA — DO ENSAIO

A primeira via implica em escrever *com* um estilo no qual eu estivesse *investido amorosamente* — nesse caso, escrever um ensaio no sentido que Adorno (2003) convocou. *É tarde demais para não levar esse tipo de solidão em consideração*, penso *com* Roland Barthes, ao pensar em seu *Fragmentos de um discurso amoroso*:

A necessidade deste livro se apoia na seguinte consideração: o discurso amoroso é hoje em dia *de uma extrema solidão*. Esse discurso talvez seja falado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é sustentado por ninguém; foi completamente abandonado pelas linguagens circunvizinhas: ou ignorado, ou depreciado, ou ironizado por elas, excluído não somente do poder, mas também de seus mecanismos (ciências, conhecimentos, artes). Quando um discurso é dessa maneira levado por sua própria força à deriva do inatual, banido de todo espírito gregário, só lhe resta ser o lugar, por mais exíguo que seja, de uma *afirmação*. Essa afirmação é, em suma, o assunto do livro que começa (Barthes, 1981, epígrafe de abertura, s.p.).

A partir dessa via, eu poderia me dedicar a conquistar as palavras com a liberdade de um neófito interessado, mas que ainda *tateia com pés de pomba* o assunto<sup>5</sup>.

Ao transbordar o formalismo, um ensaio possibilita outra forma de enunciação e adiciona a “disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram” (Adorno, 2003, p.16), além de tornar possível a apresentação em primeira pessoa — a possibilidade de subverter o estado de espera da criação como a aterrissagem do completamente novo — uma criação a partir do nada.

Assim, o ensaio possibilita a aparição do *com*:

(i) do terceiro sentido do espaço (ao convocar o *espaço clínico*);

(ii) da inscrição que enuncia os seus lugares (*topos + grafos*);

(iii) do movimento;

(iv) da temporalidade (a tentativa de uma escrita-movimento exige uma constante elaboração da linguagem), bem como uma *intenção de movimento na temporalidade*:

A criação a partir de uma escrita-movimento se torna possível também por uma consideração das possibilidades estilísticas críticas da totalidade sistêmica, agenciando fragmentos, aforismos, ensaios. Nesse mesmo sentido, não pretende se elevar por autoritarismo ou destruir os referenciais. O ato de criação em uma escrita-movimento acontece *a partir de e com* os referenciais (qualquer objeto de pensamento), nunca *sobre* os referenciais, *evitando assim o relativismo e afirmando a relatividade*, já que isso se refere ao sentido e à pluralidade de perspectivas. Da mesma forma, considera os pressupostos relacionais colocando-os *em* relação: referencial e referencial, *uma* perspectiva e não *a* perspectiva; suspeitando de considerações que se afirmam a partir da negação: referencial *ou* referencial (Karasek, 2021, p. 124-125).

A *via do ensaio* oportuniza, mesmo com o rigor e com a honestidade de quem pretende *escrever a psicanálise*, a inclusão do jogo e da interpretação. Explico: existe um estigma sobre a interpretação, sobre o lugar a partir do qual se interpreta — é um problema *topográfico* que nos acompanha desde o Iluminismo. O intérprete pode ser percebido como um sujeito que desorienta o leitor, que empurra a inteligência “para um devaneio impotente e implica onde não há nada para explicar” (Adorno, 2003, p. 17).

No entanto, acredito que é preciso enfrentar os queixosos. Essa observação transcende uma questão de estilo. Entendo que é preciso *ousar interpretar* para escrever psicanaliticamente (para o ofício da psicanálise); a alternativa é ir além de ter os pés no chão: é preciso, também, “ter a cabeça nas nuvens” (Adorno, 2003, p.17) (inscrever o lugar a partir do qual se escreve a clínica, do qual *acontece*<sup>6</sup> a psicanálise; o lugar a partir do qual se interpreta para se inscrever) — o espaço que permanece *em sonho* após o término da sessão.

Para Nietzsche, a imersão no mundo onírico, no mundo dos sonhos, representa um entendimento imediato das formas, o local onde apareceram primeiro, diante das almas humanas, as figuras divinas. Em sonho, é que o artista plástico viu pela primeira vez a estrutura corporal de seres super-humanos. É o local onde todos os homens são artistas plenos, não existindo nada de indiferente ou desnecessário. Em contrapartida, em meio a essa vida suprema, perfeita, dentro da realidade desse mundo onírico, surge o sentimento

<sup>5</sup> “As palavras mais silenciosas são as que trazem a tempestade. Pensamentos que vêm com pés de pomba dirigem o mundo” (Nietzsche, 2011, p. 140).

<sup>6</sup> “[...] o acontecimento é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece” (Deleuze, 2015, p. 152).



de sua aparência. Esse sentimento em relação ao aparente é o que conserva o ser humano em contato com o mundo real, é o sentimento que não permite o delírio, um estado patológico, no qual o sonho é confundido com a realidade. Se o sentimento da aparência cessasse, o sonho não seria mais revigorado e a força curativa natural desse estado criativo da imersão no mundo onírico seria interrompida. Imerso nos limites nos quais o sonho é sentido apenas como aparência, como uma ilusão, Nietzsche enfatiza que não são apenas as imagens agradáveis que procuramos em nós, mas também o triste e o sombrio são contemplados (*angeschaut*) com a mesma satisfação. Isso significa que também a aparência necessita estar em movimento e não pode recobrir completamente as formas fundamentais do real. Nietzsche apresenta esse argumento para diferenciar o homem individual do artista plástico. Nesse sentido, “o sonho é o jogo do homem individual com o real, e a arte do escultor, do artista plástico, é o jogo com o sonho”. Nessa afirmação, Nietzsche apresenta elementos que são importantes para a compreensão do conceito de apolíneo. A pulsão apolínea estética natural do sonho é um jogo com a realidade. Como uma ilusão, o sonho é sempre um furtar-se à realidade, é algo aparente, uma aparência que ilude sem chegar, sem manifestar-se perfeitamente, porém, às consequências do real. A arte plástica é, de forma correlata, um jogo com o sonho. O artista plástico procura fazer com que o real corresponda ao sonho, obrigando os seus materiais a se conformarem e a se relacionarem com o sonho na realização da obra de arte, da sua manifestação no real. Para interpretação do argumento nietzschiano, é importante ressaltar que nessa manifestação no real é inerente uma irremediável distância, uma eterna insatisfação, uma impossibilidade de a manifestação corresponder à figura do sonho (Karasek, 2013, p. 59-60).

O sentido presente nas palavras daqueles que buscam estabelecer uma relação com o campo do criativo — permeado tanto pelo entusiasmo quanto pela desconfiança daquele que se pergunta *a partir de que ponto se escreve psicanaliticamente?* — remete à reflexão de Descartes<sup>7</sup>, para quem, antes do cogito ergo sum [penso, logo existo], a própria ontologia se estrutura na dúvida. Assim, com o ensaio, eu posso duvidar (de *mim mesmo*, enquanto escrevo) e escapar da necessidade de uma convergência (oportuna) em um *fim último* com o meu texto.

## SEGUNDA VIA — DOS OPERADORES DE PENSAMENTO

A segunda via pretende propor determinados *operadores de pensamento*, em torno dos quais eu poderia tangenciar. Penso *com* Deleuze (2006): um operador de pensamento utiliza um quase-método — opera pela multiplicidade; já o método opera pela unidade; operadores de pensamento solicitam a lógica do rizoma. Se orbitam e tangenciam, não significa que não produzam significados: apenas propõem outros caminhos até a possibilidade de criação de seu significado. Além disso, os operadores de pensamento podem produzir sensibilizações<sup>8</sup> (mas isso já é um operador de pensamento e uma sensibilização).

Nesse sentido, é preciso perguntar: *o que se espera de uma sensibilização?* Algumas perspectivas possíveis: um começo de pensamento; um início de afecção. Uma mobilização criativa que conserve a singularidade de quem se afeta. Uma tentativa de subversão. Uma provocação. Um parágrafo-taquicardia. Um entusiasmo. Um olhar diferente sobre o mesmo. Um encontro. Um desejo de sorrir (mesmo com dor). Gargalhar com o dito de Sileno (Nietzsche, 1992). *Principiar*.

<sup>7</sup> DESCARTES, René. *Discurso do método*. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. Tradução de J. Guinsburg e Paulo Neves. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

<sup>8</sup> Uma sensibilização convoca a uma experiência estética. No sentido da filosofia da Antiguidade Clássica, “estética” deriva de *aisthesis*, e se relaciona com o estudo da percepção, da sensação e da sensibilidade.

Penso que, antes de todas as possibilidades, uma sensibilização deseja iniciar algo sem a obsessão pelas origens: pode ser uma oportunidade de passarmos ao lado dos desejos de unicidade, de univocidade e de unidade, pensando *com* Deleuze e Guattari:

Para o múltiplo, é necessário um método que o faça efetivamente [...] buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico); ainda, que, segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30-31).

Além disso, uma sensibilização pode ser uma oportunidade para conseguirmos *tocar* as múltiplas formas de existência.

O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originários — corpo, clã, aldeia, culto, corporação... — não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado. Os jovens que perambulam nos *boulevards*, com um *walkman* colado no ouvido, estão ligados a ritornelos que foram produzidos longe, mas muito longe de suas terras natais. Aliás, o que poderia significar “suas terras natais”? Certamente não o lugar onde repousam os seus ancestrais, onde eles nasceram e onde terão que morrer! Não têm mais ancestrais; surgiram sem saber por que e desaparecerão do mesmo modo! Possuem alguns números informatizados que a eles se fixam e que os mantêm em “prisão domiciliar” numa trajetória socioprofissional predeterminada, quer em uma posição de explorado, de assistido pelo Estado ou de privilegiado. Mas enfatizemos imediatamente o paradoxo. Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os *chips* da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar, tanto as diferenças se esbatem entre as coisas, entre os humanos e os estados de coisas. No seio de espaços padronizados, tudo se tornou intercambiável, equivalente. Os turistas, por exemplo, fazem viagens quase imóveis, sendo depositados nos mesmos tipos de cabine de avião, de *pullman*, de quartos de hotel e vendo desfilar diante de seus olhos paisagens que já encontraram cem vezes em suas telas de televisão, ou em prospectos turísticos, assim a subjetividade se encontra ameaçada de paralisia. Poderia a humanidade restabelecer relações com suas terras natais? Evidentemente isso é impossível! As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas o que podem esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmos e com a vida, é se “recompor” em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos, inesperados, miraculosos (Guattari, 2012, p. 164-165).

#### PRIMEIRA SENSIBILIZAÇÃO — A RELAÇÃO ENTRE ESCRITA E PSICANÁLISE

A relação entre escrita e psicanálise é fundacional do campo psicanalítico. Desde seus textos iniciais, Freud sustentou a associação entre escrita e inscrição psíquica, compreendendo o inconsciente a partir do suporte de uma inscrição. Pensando *com* Ricardo Timm de Souza:



Escrever será hoje, certamente, inscrever. Inscrever exatamente memórias no mundo que sofre da extraordinária facilidade para esquecer o que não convém lembrar [...]. Inscrever utopias na geometria dos calendários, para que as calendas tenham tempo de existir. Inscrever mundos entre as ideias, para que as ideias sejam mais do que simples ideias. Inscrever futuro no passado, e passado no futuro, para que o presente possa se dar. Inscrever para tumultuar o andar da insanidade e perfurar as blindagens dos mortos-vivos (Souza, 2021, orelha do livro).

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (2019) analisou as elaborações oníricas como fenômenos passíveis de leitura e decifração — os sonhos carregam uma condição de escritura. O que parece interessar a Freud, ao aproximar o sonho de uma escritura que não apresenta um texto unívoco — inclusive, que apresenta sentidos antitéticos —, é ressaltar a condição primária de figurabilidade na composição entre letra e desenho (a condição primeira de uma escritura) (Costa, 2012, p. 61).

Com a escrita psicanalítica, Freud inaugurou um estilo ainda não existente, um caminho a partir de um desvio, algo outro entre o estilo literário, o estilo científico e o estilo pessoal (o qual não cessa de se reinventar e se ressignificar). Ainda, alçando a escrita para além de uma forma de retrospectiva, de armazenamento e de recuperação de informações, a escrita foi um traço indispensável, da mais profunda importância, na autoanálise de Freud [...] que foi proeminentemente não uma cura pela fala, mas uma cura pela escrita (Dias, 2019).

Com as características comunicacionais da escrita, somadas à figurabilidade da escritura e à potência de autoanálise, a escrita psicanalítica assume uma condição de inscrever, pela junção entre a análise e a criação (criatividade), uma vivência analítica: “a escritura é uma utopia da linguagem. Desmascarar as ideologias e suas formas de expressão literária, mais tarde e aqui [...]. Mas pela forma. Desmascarar pela forma. Para perturbar, escrever em torno da falta e do silêncio” (Karasek, 2021, p. 97). Pensando *com* Thomas Ogden, a escrita psicanalítica “pode criar no leitor uma experiência de leitura que abarque os elementos críticos da experiência analítica que o escritor viveu com um/uma<sup>9</sup> analisante, mas também a música do que aconteceu nessa experiência” (Ogden, 2010, p. 99-100); ainda, afirma Thomas Ogden:

A escrita analítica é, para mim, formada por partes idênticas de meditação e da experiência de derrubar uma fera no chão. Enquanto meditação, escrever constitui um modo de estar comigo mesmo e de ouvir a mim mesmo vindo a ser de um modo que tem comparativo com qualquer outro setor de minha vida. Este “estado de escrita” é muito semelhante a minha experiência de devaneio no setting analítico. Quando estou em um “estado de escrita”, estou em um estado de elevada receptividade à experiência inconsciente, mas ao mesmo tempo procurando incluir na experiência uma escuta sobre como eu poderia fazer uso literário do que estou pensando e sentindo. O estado de escrita é uma experiência física na qual meu pensamento é muito mais auditivo do que o são a maioria das outras formas de pensamento. Muitas vezes pronuncio as palavras em voz alta enquanto escrevo, nunca tendo certeza sobre quais eu realmente pronunciei e quais apenas pensei. Experimento uma frase, rejeito-a, tento outra, volto para a primeira, rabiscando e cortando, ligando clausulas isoladas com setas, terminando com um palimpsesto de palavras e ideias. Como o estado de devaneio analítico, o estado de escrita é uma forma de sonho acordado, uma experiência de viver “na fronteira do sonho”. Quando um escritor está neste estado psicológico, a própria linguagem se infunde da cor e intensidade do inconsciente (Ogden, 2010, p. 99-100).

---

<sup>9</sup> Adaptação minha.

A partir desses pressupostos, *o que se inscreve na escritura psicanalítica?* Uma inscrição não significa necessariamente uma resposta (ou respostas), mas a criação de possibilidades de elaboração da *aporia*, a partir das quais possa ocorrer a produção de noções envolvidas *no pensamento da escrita psicanalítica*.

## SEGUNDA SENSIBILIZAÇÃO — AS SIGNIFICAÇÕES DE UMA INSCRIÇÃO

*Quais são as potências de significado de uma inscrição?* (exercício de linguagem em *monólogo interior* — provocar pelo *paradoxo da letra*: ainda é monólogo interior ao se inscrever pelo texto, ao se *exteriorizar* pela letra?):

(i) Inscrever as palavras com profundidade para fazer nascer o acontecimento da escritura psicanalítica;

(ii) Aprofundar os significados de uma análise a partir do exercício da escrita psicanalítica como inscrição;

(iii) Encontrar as significâncias de uma análise a partir do ofício da escrita psicanalítica — uma *escritura psicanalítica* (Birman, 2007); antes do texto não há *o terceiro incluído* (para além do analista e do analisando): engendramento do Outro do sentido:

O enquadre interiorizado pelo analista em sua própria análise, disponível como enquadre virtual antes que como protocolo concreto. A diversidade da prática, com seus enquadres variáveis, encontra sua unidade (ao mesmo tempo seu fundamento e sua condição de possibilidade) no “enquadre interno do analista” como aval do método (Urribarri, 2010, p. 20).

Ao mesmo tempo em que transborda a cena psicanalítica, a escritura se origina a partir dela (por causa dela): inclui os restos, os rastros e *tudo aquilo que sobrou da verdade* (as manchas do apagado produzem tanta significância quanto a intenção de apagamento — a força de sentido de um rascunho) (Derrida, 2009).

Inscrever não é apenas esculpir, gravar e registrar — inscrever pela escritura psicanalítica é jogar com a possibilidade do acontecimento (o algo totalmente novo e a espera de que esse algo novo mude tudo) — porque é necessário dizer/escrever; trata-se de *exercícios de expectativas*: a espera do pulmão pela próxima respiração, a espera do ouvido pelo próximo dito, a espera do coração pelo próximo batimento; o viver como expectativa de que tudo seja diferente no próximo segundo e que, a partir disso, tudo se transforme (Souza, 2008).

Para pensar *com* Mallarmé: a escritura psicanalítica é um lance de dados, um encontro *necessário* com o acaso que produz a mudança; um encontro *com a diferença*:

[...] antes de se deter  
em algum ponto derradeiro que o sagre  
Todo Pensamento emite um Lance de Dados  
(Mallarmé, 2019, p. 49).

## TERCEIRA SENSIBILIZAÇÃO — A EXPECTATIVA DO ACONTECIMENTO DA ESCRITA COMO ATO ÉTICO

Penso que, na escritura psicanalítica, escrevemos para *nos vingar da perda* (Montenegro, 2018, p. 27). Ao mesmo tempo que é uma escrita para não perdermos algo (Montenegro, 2018, p. 101), esse desejo de manutenção inaugura um dizer sobre algo outro, que não é o em si gerador da escrita, mas que só é inaugural da novidade enquanto perda de alguma coisa. Permanece enquanto perda, mas ainda é um momento roubado da clínica, do estudo, da teoria nascente ou do desejo de inscrição.

A escrita psicanalítica poderia ser o grifo no livro, a dobra na página (Montenegro, 2018, p. 27) de uma *vivência psicanalítica*; uma significação que logramos desse momento, desse instante que recrutamos das nossas solidões de escrever a psicanálise. A escrita psicanalítica escreve ressonâncias oriundas de uma voz pulsional; não escreve literalidades.

A escrita psicanalítica pode inscrever, pela sua potência de escritura, o estranho<sup>10</sup> (uma diferença; uma *estranheidade*); pode inscrever um infamiliar no familiar, uma inquietude na quietude, uma impaciência na paciência — oportuniza uma perspectiva de Alteridade; assim, pode autorizar o engendramento do sentido do/no Outro. Com isso, a escrita psicanalítica flerta com uma ética da psicanálise: a escritura psicanalítica não é (apenas) a fala do/da analisante, não é (apenas) a interpretação do analista, não é (apenas) a soma dos elementos do enquadre<sup>11</sup> — a escrita psicanalítica é o engendramento do vivido no enquadre *em relação com* uma ética da psicanálise, a qual se inscreve no mundo pela potência da textualidade, para, em Alteridade, desejar uma diferença em relação à repetição *do mesmo; uma inscrição em outro ritmo*, pensando *com* Deleuze:

Como explicar que quando a repetição incide sobre as repetições, que quando ela reúne todas e introduz entre elas a diferença, ela adquire de pronto um formidável poder de seleção? Tudo depende da distribuição das repetições sob a forma, a ordem, o conjunto e a série do tempo. Esta distribuição é bastante complexa. De acordo com um primeiro nível, a repetição do Antes define-se de maneira negativa e por deficiência: repete-se porque não se sabe, porque não se recorda etc., porque não se é capaz da ação (que esta ação tenha sido empiricamente feita ou que ainda tenha de ser feita). Portanto o “se” significa aqui o inconsciente do Isso como primeira potência da repetição. A repetição do Durante define-se por um tornar-se semelhante ou um tornar-se igual: tornar-se capaz da ação ou tornar-se igual à imagem da ação, sendo que agora o “se” significa o inconsciente do Eu, sua metamorfose, sua projeção num Eu ou eu-ideal como segunda potência da repetição. Mas, como tornar-se semelhante ou igual é sempre tornar-se semelhante ou igual a alguma coisa que se supõe idêntica em si, que, supostamente, se beneficia do privilégio de uma identidade originária, a imagem da ação à qual se se torna semelhante ou igual só vale aqui para a identidade do conceito em geral ou do Eu. Portanto, neste nível, as duas primeiras repetições recolhem e repartem entre si as características do negativo e do idêntico tais como as vimos se constituírem nos limites da representação. Num outro nível, o herói repete a primeira, a do Antes, como num sonho e de um modo nu, mecânico, estereotipado, que constitui o cômico; todavia, esta repetição nada seria se como tal já não remetesse a alguma coisa de oculto, de disfarçado em sua própria série, capaz de nela introduzir contrações como um Habitus hesitante onde amadurece a outra repetição. Esta segunda repetição do Durante é aquela em que o herói se apodera do próprio disfarce, reveste a metamorfose que lhe restitui de um modo trágico, com sua própria identidade, o fundo de sua memória e de toda a memória do mundo, que ele pretende, tornando-se capaz de agir, igualar ao tempo inteiro. Eis, portanto, que as duas repetições, neste segundo nível, retomam e repartem à sua maneira as duas sínteses do tempo, as duas formas, nua e vestida, que as caracterizam (Deleuze, 2006, p. 406-407).

<sup>10</sup> *Das Unheimliche* (Freud, obra de 1919). Ver: Freud, 2010b, p. 328.

<sup>11</sup> “O enquadre se distingue da mera situação material e é concebido como uma função constituinte do encontro e do processo analítico. De natureza transicional (entre a realidade social e a realidade psíquica), o enquadre é instituição e encenação do método analítico, do seu núcleo dialógico e da sua matriz simbolizante. O enquadre institui o espaço analítico, que é um terceiro espaço que torna possível o encontro e a separação (a discriminação) entre o espaço psíquico do/da analisante e o do analista. Contenção e distância: o enquadre delimita o espaço potencial que torna possível a comunicação analítica. Seu estatuto é ao mesmo tempo clínico e epistemológico: o enquadre é condição para a constituição do objeto analítico (Green), objeto terceiro, distinto do/da analisante e do analista, produzido pela comunicação de cada par analítico singular” (Urribarri, 2010, p. 19).

O tempo do ritmo é repetição apenas em aparência; a temporalidade do ritmo só poderia ser *diferença* — a transitoriedade (Freud, 2010a) como condição de possibilidade da *escritura psicanalítica*, para que a inscrição, em sua urgência de eternidade, “boie como uma esponja no caos, e entre oceanos de nada, gere um ritmo”, pensando *com* Drummond. Aqui, o sentido de eternidade está em composição com a transitoriedade, a força motriz da *diferença* (e ainda sua temporalidade) (Green, 2000).

Assim, pode possibilitar a inauguração do novo sem uma obsessão pelas origens, já que se põe em movimentação enquanto acontecimento, engendramento; pode emergir desde lugares não controláveis objetivamente — e se opõe à repetição como um idêntico, já que o idêntico se compõe por uma compulsão à repetição (Freud, 2021), pois estaria em relação com o igual, com o mesmo, com o indiferente, com o *aeon* (o tempo que nunca passa, o qual gira sobre si mesmo).

O lugar da escrita psicanalítica é uma topografia ética por sua indissociável relação com a diferença e pelo seu compromisso com a Alteridade<sup>12</sup>. Pensando *com* Ricardo Timm, a escrita psicanalítica, pelo movimento, pode “inscrever utopias na geometria dos calendários, para que as calendas tenham tempo de existir” (Souza, 2021, orelha do livro).

O fundamento ético da escrita psicanalítica advém da simbiose entre escritura e transitoriedade como uma fenomenologia do devir, já que “cada ‘escrção’ verdadeira é uma inscrição definitiva. Inscrita no universo dos eventos, nenhuma força será capaz de desinscrever a escrita de sua posição inegociável, esse é o referendo de sua esperança e a razão de sua confiança” (Souza, 2018, p. 59).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Eterno. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fazendeiro do ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F-Alves, 1981.
- BIRMAN, Joel. Escritura e psicanálise: Derrida, leitor de Freud. *Revista Natureza Humana*, v. 9, n. 2, p. 275-298, jul.-dez. 2007.
- COSTA, Ana. Relações entre psicanálise e escrita. *Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 26, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (v. 1). Editora 34: São Paulo, 2011.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DESCARTES, René. Discurso do método. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. Tradução de J. Guinsburg e Paulo Neves. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- DIAS, Ana Mónica. A escrita psicanalítica na formação do analista. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, Lisboa, v. 39, n. 2, p. 13-17, 2019.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>12</sup> Em ligação ao que Guattari (1996, p. 47) denomina *processos de singularização*: “o que chamo de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados” (1996, p.47).

- FREUD, Sigmund. A transitoriedade. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Autêntica: Belo Horizonte, 2021.
- FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil, Além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- GERBER, Ignacio. *Inconsciente, nuvem infinita*. São Paulo: Blucher, 2023.
- GREEN, Andre. *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 2000.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- IANNINI, Gilson. Pequeno guia visual: Além do princípio do prazer em camadas. In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Autêntica: Belo Horizonte, 2021.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2001. [1781].
- KARASEK, Felipe Szyszka. *A solidão do estilo: escrituras, biografemas; fragmentos, notas*. Porto Alegre: Bestiário, 2021.
- KARASEK, Felipe Szyszka. *Nos abismos: sobre a interpretação da natureza em Nietzsche*. Porto Alegre: Bestiário, 2022.
- KARASEK, Felipe Szyszka. *Uma filosofia da dor: a sabedoria trágica no jovem Nietzsche*. Porto Alegre: Bestiário, 2013.
- MALLARMÉ, Stéphane. Um lance de dados jamais abolirá o acaso. In: CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; PIGNATARI, Décio. *Mallarmé*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MONTENEGRO, Marcelo. Eu costumava grifar os meus livros. In: MONTENEGRO, Marcelo. *Forte apache*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. A hora mais silenciosa. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- OGDEN, Thomas. Sobre a escrita psicanalítica. In: OGDEN, Thomas. *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SOUZA, Ricardo Timm. [Texto de apresentação na orelha do livro]. In: KARASEK, Felipe Szyszka. *A solidão do estilo: escrituras, biografemas; fragmentos, notas*. Porto Alegre: Bestiário, 2021.
- SOUZA, Ricardo Timm. Escrever como ato ético. In: SOUZA, Ricardo Timm. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e Literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.
- SOUZA, Ricardo Timm. *Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre vida e filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- URRIBARRI, Fernando. André Green: paixão clínica, pensamento complexo. *Contemporânea — Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n. 10, jul./dez. 2010.

Artigo recebido: 21 de janeiro de 2025

Artigo aceito: 14 de fevereiro de 2025